FESTA DO VERMELHENSE AUSENTE: ASPECTOS IDENTITÁRIOS DE UMA FESTA POPULAR MINEIRA

ABSENT VERMELHENSE PARTY: IDENTITY ASPECTS OF A POPULAR CELEBRATION IN MINAS GERAIS STATE

FIESTA DEL VERMELHENSE AUSENTE: ASPECTOS IDENTITARIOS DE UNA FIESTA POPULAR EN MINAS GERAIS

Lusvanio Carlos Teixeira
Universidade Federal de Viçosa (UFV)
lusvanio.t@gmail.com

Wescley Silva Xavier
Universidade Federal de Viçosa (UFV)
wescley@ufv.br

José Roberto Abreu de Carvalho Junior
Instituto Federal do Espírito Santo (IFES)
jose.carvalho@ifes.edu.br

Destaques

- A Festa do Vermelhense Ausente, realizada em Vermelho Novo (MG) desde meados da década de 1950, busca promover o encontro de conterrâneos e valorizar as raízes identitárias do município;
- Festas populares integram estruturas sociais e tradições, criando memórias e nutrindo relações entre pessoas e lugares, marcando a vida com significado e pertencimento;
- O conceito de enraizamento, segundo Simone Weil, reflete a necessidade humana de integrar-se a uma coletividade, mantendo tradições e valores do passado, mas adaptados à realidade presente;
- A Festa de Vermelho Novo se transformou de uma celebração sacro-profana para festival secular, onde vermelhenses ausentes se reconectam com suas origens e transmitem a tradição às futuras gerações;

RESUMO

Este artigo analisou a Festa do Vermelhense Ausente, realizada desde a década de 1950, em termos históricos, culturais e identitários. Foram coletadas informações históricas sobre a festa e realizadas entrevistas com nativos de Vermelho Novo (MG).

Metodologicamente, empregou-se a análise documental e a pesquisa narrativa. Os resultados demonstram que a festa surgiu como uma tradição de expressão religiosa, voltada a reunir cidadãos nativos que se ausentaram do município. Com o tempo, a festa aumentou seu alcance de público e passou por um processo de espetacularização, deixando de ser organizada pela população e sendo apropriada pela administração municipal. Nesse aspecto, a festa se transformou, passando a contar com artistas de renome e alterações na programação.

Palavras-chave: Festas. Identidade Cultural. Tradição. Cultura. Vermelho Novo.

ABSTRACT

This article analyzed the Absent Vermelhense Party, held since the 1950s, in terms of historical, cultural and identity. Historical information about the party was collected and interviews were conducted with natives from Vermelho Novo (MG). Methodologically, document analysis and narrative research were used. The results show that the celebration emerged as a tradition of religious expression, aimed at reuniting native citizens who weren't in the municipality anymore. Over time, the party increased its public reach and went through a process of spectacularization in which the population has stopped organizing it and it has been appropriated by the municipal administration instead. In this regard, the party was transformed, with renowned artists and changes in programming.

Keywords: Celebrations. Cultural Identity. Tradition. Culture. Vermelho Novo.

RESUMEN

Este artículo analizó la Fiesta del Vermelhense Ausente, realizada desde 1950, en términos históricos, culturales e identitarios. Se recogieron informaciones históricas y se realizaron entrevistas con nativos de Vermelho Novo (MG). Metodológicamente se utilizó el análisis documental y la investigación narrativa. Los resultados muestran que la fiesta surgió como una tradición de expresión religiosa, destinada a reunir a los ciudadanos nativos que estaban ausentes del municipio. Con el tiempo, la fiesta aumentó su alcance público y pasó por un proceso de espectacularización, dejando de ser organizada por la población y siendo apropiada por la administración municipal. En este sentido, la fiesta se transformó, con artistas de renombre y cambios en la programación.

Palabras clave: Fiestas. Identidad cultural. Tradición. Cultura. Vermelho Novo.

INTRODUÇÃO

As festas são manifestações significativas e recorrentes no contexto das cidades brasileiras, por meio das quais se celebram dimensões sociais e identitárias de âmbito local, fazendo uso de rituais, celebrações e atrações, em que são criados encontros, imagens e experiências que reafirmam os espaços em termos de pertencimento e identidade coletiva (Bezerra, 2008; Corá *et al.*, 2019). Independentemente do tipo de festa, trata-se de um rito de relevância social para os seres humanos, marcando a vida das pessoas, criando memórias e nutrindo relações, com outras pessoas ou com os lugares (Corá *et al.,* 2019).

Acerca desses aspectos, Weil (2001) apresenta o conceito de enraizamento, como uma das principais necessidades humanas. Conceitualmente, enraizamento seria a necessidade de o indivíduo integrar, naturalmente e ativamente, uma coletividade, numa vivência pautada na conservação de tradições e valores do passado e com visões acerca do futuro. Destaca-se que não se parte de um passado idealizado ou de um futuro utópico, e sim das condições da realidade (Amaral, 2018).

Um fenômeno contrário ao enraizamento é o desenraizamento, que ocorre na medida em que há a necessidade de os indivíduos migrarem e deixarem as coletividades que integram. “O migrante perde a paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a caça, a lenha, os animais, a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir, o entoado nativo de falar, de viver, de louvar a seu Deus... Suas múltiplas raízes se partem” (Bosi, 2003, p. 176). A migração tratada em suas múltiplas dimensões, seja da mudança do campo para a cidade, mudança de cidades menores para cidades maiores, de um país para o outro, dentre outros tipos de migração.

As festas podem sofrer mudanças significativas com o processo do desenraizamento, principalmente no que se refere a suas dimensões de cultura popular. Destaca-se que as festas populares podem ser compreendidas como formas de manifestação cultural que integram as estruturas sociais e as interações de uma determinada comunidade (Marques; Brandão, 2015). Ao se organizar ou participar de uma festa popular, um aspecto sempre presente é referente a identidade cultural das manifestações, enraizadas nas tradições do território, que são repassadas ao longo do tempo (Davel; Dantas, 2020). Com a realização de festas populares as tradições são

reafirmadas, bem como são retomadas representações que são características e singulares a uma determinada população ou localidade. Para além disso, as próprias festas podem ser consideradas exemplos de tradições inventadas, na medida em que se constituem como rituais simbólicos, baseados em repetição, que transmitem valores e comportamentos de uma sociedade (Hobsbawn; Ranger, 1997).

Conforme destacam Marques e Brandão (2015), apesar do desenraizamento representar uma forma de distanciamento dos indivíduos da cultura popular que vivenciaram, esse aspecto não necessariamente faz com que as festas populares percam seu sentido. Os autores ilustram que há casos de sujeitos que constantemente retornam a seus locais de origem para participar e ajudar na organização de festas, mesmo após o processo de migração. É esse aspecto que interessa a discussão proposta no presente artigo.

O enfoque desta análise se voltou para as peculiaridades da Festa do Vermelhense Ausente, realizada desde meados da década de 1950, no município de Vermelho Novo, localizado na Zona da Mata de Minas Gerais. Sobre a história de Vermelho Novo, este se emancipou de Raul Soares e se tornou município em 21 de dezembro de 1995. Trata-se de uma cidade de pequeno porte, que conta com uma população estimada de 4.852 habitantes (IBGE, 2021). Dentre os aspectos que caracterizam historicamente e diferenciam Vermelho Novo de outros pequenos municípios brasileiros, destaca-se a festividade anual que ocorre no município.

Por meio da realização da Festa do Vermelhense Ausente, busca-se reunir os vermelhenses (cidadãos nascidos em Vermelho Novo) que moram em outras cidades, na realização de um evento que apresenta uma programação diversa e repleta de peculiaridades. No site da Prefeitura Municipal de Vermelho Novo, há um destaque de que a Festa do Vermelhense Ausente é considerada por muitos como a festa mais antiga voltada a reunião de conterrâneos ausentes, além de ser uma das festas de maior duração, sendo nove dias ao todo, sempre em meados do mês de julho. A festa tem uma programação variada e em todos os anos há a passagem das coroas de Rei e Rainha da Festa Vermelhense para moradores locais.

Embora haja uma ampla literatura sobre festas, há carência de análises acerca das festividades em cidades de menor porte, distantes das metrópoles e que vivenciaram uma urbanização periférica, com economia local pautada principalmente em atividades

agropecuárias (Costa, 2012). Além disso, há pouca literatura sobre festividades voltadas a atrair um público de nativos ausentes dos municípios (Dantas, 2015). Nesse sentido, buscando contribuir com a literatura através da análise de um município de pequeno porte, numa festa tradicional e de longo período de existência, o presente artigo busca analisar a Festa do Vermelhense Ausente em termos históricos, culturais e identitários.

CULTURA E FESTA POPULAR

Inicialmente, considerando-se as festas populares como formas de manifestação cultural (Marques; Brandão, 2015), é interessante reconhecer que a cultura possui uma multiplicidade de possibilidades de compreensão. A cultura se caracteriza como multidisciplinar em termos de interesses analíticos, sendo tratada por diversas áreas do conhecimento, em diversas perspectivas. Além disso, a cultura é transversal, na medida em que perpassa por variados aspectos do cotidiano das pessoas (Canedo, 2008).

Albuquerque Jr. (2007) salienta que apesar de haver muitos conceitos de cultura, muitos deles convergem no que tange a questão da identidade. Segundo esse autor, o pensamento acerca da cultura geralmente a vislumbra como uma forma de produção de identidades, em suas distintas manifestações. Muitas vezes, ao se falar em cultura ou na promoção de cultura, tem-se um olhar voltado ao resgate de aspectos identitários, seja em termos étnicos, regionais, de gênero ou de outras formas. Vich (2017) argumenta que "não podemos continuar entendendo a cultura somente a partir da "aura" das artes, do campo daquilo que é valorizado socialmente. Hoje, devemos entendê-la como laços humanos, estilos de vida, hábitos estabelecidos na cotidianidade mais comum" (Vich, 2017, p. 49).

Ademais, salienta-se que a cultura constituiu historicamente um papel de distinção social, em termos de inclusão e exclusão na relação entre classes dominadas e classes dominantes. Essa distinção ocorre de modo que alguns grupos sociais mantém a legitimidade de produzir e ditar o que deve ser considerado como arte e cultura, e outros grupos sociais estariam fadados a destinar seu tempo para o trabalho convencional (Xavier; Baldez, 2021). Nesse aspecto, existem distinções entre as chamadas cultura popular e cultura erudita, manifesta em termos qualitativos, que podem ser percebidas nas seguintes características:

> a) na complexidade da elaboração (a arte popular é mais simples e menos complexa do que a erudita); b) na relação com o novo e com o tempo (a popular tende a ser tradicionalista e repetitiva, enquanto a erudita tende a ser de vanguarda e voltada para o futuro); c) na relação com o público (na popular, artistas e público tendem a não se distinguir, enquanto na erudita é clara a distinção entre o artista e o público); e d) no modo de compreensão (na arte popular, o artista exprime diretamente o que se passa em seu ambiente e é imediatamente compreendido por todos; na erudita, ele cria novos meios de expressão, de maneira que sua obra não é imediatamente compreensível a não ser para os entendidos, que por isso a interpretam para o restante do público) (Chaui, 2021, p. 15-16).

É nesse ínterim que se pode discutir as festas como formas de manifestação identitária, em suas formas eruditas ou populares. A festa é uma manifestação da cultura de uma localidade, sendo que através de celebrações como músicas, danças e vestimentas, as pessoas apresentam a identidade cultural que possuem (Corá *et al.,* 2019). Segundo Amaral (2000b), as festas aparecem na literatura desde autores seminais, como Émile Durkheim e Sigmund Freud, sendo tratadas como espaços ou momentos recreativos em que certos excessos eram permitidos, que possibilitavam maior interação entre os indivíduos através do fervor coletivo das celebrações.

Além disso, as festas podem representar formas de tradição inventada, conforme as compreensões de Hobsbawn e Ranger (1997). A compreensão da festa por essa perspectiva a trataria como uma celebração que retome valores e reforce uma identidade que se queira estabelecer, baseada em dimensões históricas de um passado que seria continuado de forma artificial mediante a repetição. Para tanto, através dessa celebração, instrumentos simbólicos seriam utilizados, como hinos, bandeiras, entre outros, que fizessem que se afirmasse uma identidade. Hobsbawn e Ranger (1997) salientam que o nacionalismo era algo que fundamentava a criação de tradições num contexto contemporâneo, e elencam três circunstâncias que motivariam a criação de uma tradição: (1) autoafirmação e uma continuidade política ou religiosa numa determinada localidade; (2) geração de coesão social, na qual a tradição é utilizada para fins de união ou identificação de uma determinada comunidade; e (3) rompimento com práticas existentes, para a proposição de novas práticas, demonstrando que a partir daquele momento se faria algo novo e/ou de outra forma (Hobsbawn; Ranger, 1997).

Acerca de características elementares e originárias das festas, Marques e Brandão (2015), partindo da literatura existente sobre o tema, apresentam uma síntese de doze elementos significativos para caracterizá-las: (1) mito ou vetor de origem – é o que justifica a origem e continuidade da festa, o motivo a ser celebrado; (2) sujeitos da festa – grupo de expectadores e organizadores da festa; (3) relações sociais – interrelações que ocorrem entre os indivíduos durante a festa, através de trocas simbólicas e comerciais; (4) singularidades – aspectos que distinguem a festa das demais manifestações existentes; (5) espontaneidade – é o que permite a fruição e dá sentido à realização e dinâmica da festa; (6) estética – aspectos da beleza e estilo utilizado, ligada a singularidade e espontaneidade da festividade; (7) esbanjamento – excessos que ocorrem durante períodos festivos e que são comuns na sua fruição, se materializando em excessos morais, sociais, físicos, entre outros; (8) memória – é ligado ao que originou a festa, em suas vertentes históricas; (9) renúncia – os sujeitos da festa abdicam de uma série de aspectos, através de esforços e recursos, que permitem a realização e a continuidade das festas ao longo do tempo; (10) espaço – localidade onde a festa se realiza; (11) estrutura física e equipamentos – conjunto de infraestruturas que viabilizam a realização da festividade; (12) sentimento de pertença – são os valores e o senso de pertencimento que os indivíduos tem/manifestam ao longo das celebrações festivas, que permitem que se estabeleçam laços, sendo um aspecto elementar para a manutenção da festa.

As festas desempenharam um papel significativo no contexto da cultura brasileira, recebendo muitos sentidos, que as próprias cidades dão as suas celebrações e comemorações. Dentre as funções das festas, destaca-se que essas: afirmam ou negam valores sociais de determinados grupos; representam formas de válvula de escape em termos de lazer e expressão cultural; e são instrumentos políticos, na medida em que mobilizam grandes grupos de pessoas, podendo gerar consciência política e criação de grupos coletivos em âmbito local (Amaral, 2000a). Além desses aspectos, a realização de festas pode ser uma forma de melhorar a imagem dos lugares, aumentando o potencial turístico e gerando emprego e renda (Richards, 2017).

Conhecidas as características dos tipos de festas brasileiras, é interessante discorrer que nos períodos festivos aumentam-se as possibilidades de cooperação entre atores locais ou regionais, de modo a superar possíveis limitações de produção e apresentação dos eventos (Gnjatović; Gnjatović, 2012). Os organizadores, enquanto

sujeitos da festa, se relacionam e se misturam, mesmo que temporariamente, com diversas instituições e organizações, públicas e privadas, que atuem de forma conjunta em prol da realização da festa (Marques; Brandão, 2015).

Nesta seção foram abordados aspectos gerais sobre a complexidade da cultura, em sua muldisciplinaridade e transversalidade, a qual pode ser compreendida como produtora de identidades, tanto étnicas quanto regionais. As festas são uma forma de representação cultural que reforçam as identidades, possuindo potencial para gerar alterações políticas, sociais e econômicas na realidade de um determinado local. Dando sequência, a próxima seção se propõe a discutir o fenômeno da espetacularização que muitas festividades perpassam, bem como apresentar as categorias do enraizamento e do desenraizamento enquanto lentes teóricas.

ESPETACULARIZAÇÃO DAS FESTIVIDADES E DESENRAIZAMENTO

As festas são passíveis de apropriação dos interesses do capital. Bezerra (2008) ilustra que conforme os eventos ganham notoriedade dentro de uma determinada localidade, gerando visibilidade para esse lugar, é comum a transferência desses eventos para regiões centrais das cidades, o que de certa forma tira o caráter local das tradições festivas e gera elitização das celebrações, que passam a ter um maior enfoque econômico e de atração turística, como instrumento de marketing para as cidades. Num país como o Brasil, em que a maior parte das Políticas Culturais municipais se baseiam na realização de eventos festivos, esse tipo de alteração em termos de troca de espaços de realização das festas ou mesmo das atrações escolhidas para se apresentar, incorre na incorporação de características da indústria cultural.

Bezerra (2008) destaca que as cidades devem reencontrar-se com as festas, pois ao longo do tempo as festas foram perdendo sua essência e seu esplendor. Há diversas tentativas de recriar as festas, por meio de festivais e festividades. É nesse cenário que vem ocorrendo um processo de alteração nas festas brasileiras, de modo que as celebrações e rituais, que inicialmente possuíam tradições e valores que se mantinham de forma quase espontânea por parte da população, passaram a ser apropriados pela Administração Pública e pelas organizações privadas, de modo a transformar festas que possuíam naturezas populares em eventos de grande alcance de público, os megaeventos,

com elevado potencial econômico em termos de geração de renda e atração de turistas para as cidades. Trata-se da espetacularização das festas populares, que aos poucos vão perdendo suas características originais (Bezerra, 2008). Nesse sentido, as manifestações de culturas populares ficaram reféns de uma lógica de mercado e do consumo de massa, perdendo seu caráter lúdico e as características que dão singularidade à cidade e à sua população (Serpa, 2007).

Acerca da capacidade das festas de tornar as localidades mais atrativas, e das mudanças que essas podem realizar no espaço, é interessante partir de concepções de Lefebvre (1991) de que para analisar esses aspectos é importante que se considere mais que questões ligadas ao espaço físico, mas também o espaço simbólico e imaginado da cidade, bem como a experiência vivida pelos indivíduos. É nesse cenário que se insere a discussão acerca da identidade e suas formas de manifestação no que tange a territorialidade. É importante salientar que a identidade pode ser compreendida como uma dimensão cultural em constante movimentação, em espaços públicos e privados, nas interações sociais (Trigueiro, 2004; Paz *et al*., 2021), pois conforme Hall (2006, p. 71) "todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos".

As festas populares são um dos tipos de manifestação que reforçam aspectos identitários e de territorialidade (Baez; Sampaio, 2020), principalmente referentes a identidade cultural (Davel; Dantas, 2020). Esses festejos retomam práticas, representações e significados do passado, que ao serem considerados no presente são apropriados e incorporam novas acepções simbólicas, auxiliando na construção das identidades (Trigueiro, 2004). Além de reforçar aspectos identitários, as festas também representam celebrações de integração das pessoas em relação a uma coletividade, celebrando raízes e tradições.

Acerca disso, é interessante discutir aspectos de concepções teóricas sobre o enraizamento. De acordo com Weil (2001), assim como os seres humanos possuem necessidades fisiológicas, também possuem necessidades que podem ser consideradas espirituais, de caráter intangível, tais quais a liberdade, a ordem, dentre outras. Para a autora, a principal necessidade de caráter espiritual seria o enraizamento, que se constitui na necessidade humana de integrar uma sociedade, a qual represente uma estrutura superior ao indivíduo, numa coletividade que compartilhe pensamentos e uma história comum, de uma territorialidade e de um senso de pertencimento. Um aspecto oposto a

ideia de enraizamento seria o desenraizamento, que é um processo de desconstrução do enraizamento por meio da perda dos laços que ligam os indivíduos a coletividade, a territorialidade e as instituições superiores a eles.

O desenraizamento pode ocorrer de variadas formas, seja por meio da sobreposição cultural de um país sobre o outro, como no período das conquistas bélicas nas grandes guerras mundiais (Weil, 2001), ou por meio da migração, a partir do momento que os indivíduos, por algum motivo, abandonem uma determinada localidade e consequentemente as raízes criadas em tal local, para irem para outras localidades e perpassarem por novos processos de enraizamento (Bosi, 2003).

Bosi (2003) salienta que o desenraizamento pode ser um fator que faça as festas perderem seu significado, pela perda de vínculos e valores de atores sociais. Segundo a autora, nas transições dos indivíduos de um lugar para outro, muitos aspectos culturais são perdidos, sobretudo quando o processo de migração ocorre de residentes do campo que vão para a cidade. Entretanto, Marques e Brandão (2015) apresentam um contraponto, discorrendo que o desenraizamento, de forma isolada, não teria capacidade de fundamentar que as festas percam seus significados e distanciem os indivíduos da cultura popular. Os autores enfatizam que:

> em alguns casos, por exemplo, os sujeitos retornam regularmente a seus lugares de origem a fim de que realizem suas festas, mesmo após terem migrado. É certo que migração não significa desenraizamento. Contudo, é possível observar que em muitas comunidades o retorno dos "filhos da terra" se dá, sobretudo, em função da festa e que mesmo enraizados em outros espaços, estes indivíduos mantêm vínculos afetivos nos seus lugares de origem, ou seja, no lugar da festa (Marques; Brandão, 2015, p. 22).

Nesse aspecto, destaca-se que em muitos municípios brasileiros – como Cachoeiro do Itapemirim (ES), Ladainha (MG), Capelinha (MG), Afonso Cláudio (ES), Carnaúba dos Dantas (RN), entre outros – são realizadas festas voltadas a atrair nativos ausentes dos municípios, de modo a celebrar aspectos identitários daqueles que não mais residem em municípios de origem. Apesar de haver muitos municípios que tem esse tipo de festa, quase não existem trabalhos que analisaram as peculiaridades das festas voltadas aos ausentes (Dantas, 2015). O presente artigo contribui para a literatura sobre Festas ao analisar uma festividade tradicional, referente a um município de pequeno porte.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente artigo buscou analisar a Festa do Vermelhense Ausente em termos históricos, culturais e identitários. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa, que se baseou na caracterização da festa em termos de histórico, características, peculiaridades da programação, partindo principalmente da percepção de alguns nativos, ausentes e residentes, de Vermelho Novo, acerca dos aspectos identitários da festividade. Como fontes de dados, foram considerados documentos históricos relacionados à festa, bem como foram realizadas entrevistas com atores que tinham relação com a festa, sendo nativos da cidade que acompanhem a festa há algum tempo.

Alguns documentos históricos considerados eram de acervo pessoal de residentes de Vermelho Novo ou encontram-se disponíveis na internet em portais de notícias da região e em informações da página da prefeitura do município no *Facebook*, que relatavam características da festa em termos de programação nos diferentes anos. Já as entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro não estruturado, com questões que variaram de acordo com o perfil dos entrevistados, partindo sempre de alguns temas. O objetivo da utilização desse tipo de entrevista é fornecer um modo especial de conversação que permita que os entrevistados construam as respostas de forma livre (Mattos, 2005).

Tratou-se de uma conversa com os entrevistados, que ocorreu presencial e virtualmente, de modo que ao longo das conversas fossem discutidas temáticas que tinham relação com categorias previamente elencadas no referencial teórico, permitindo que se aprofundasse em determinados aspectos de acordo com a relação dos entrevistados com a festa. As entrevistas foram realizadas no período de 3 a 8 de janeiro de 2022, sendo que em algumas delas foram gravados registros de áudio e transcritas posteriormente para serem utilizados como corpus de análise. Outras entrevistas não foram gravadas, por opção dos entrevistados, mas foram realizadas anotações acerca de elementos esclarecidos pelos participantes da pesquisa. Ao todo, nessa pesquisa foram entrevistadas 6 pessoas, todos nativos de Vermelho Novo, sendo 3 residentes e 3 não residentes no município. As entrevistas tiveram duração de até 40 minutos, não se estendendo muito além de algumas temáticas estabelecidas inicialmente.

Uma parte dos entrevistados (precisamente três dos participantes da pesquisa) foi rei ou rainha da Festa do Vermelhense Ausente, possuindo experiência para discorrer sobre especificidades desta festividade. Os outros entrevistados eram nativos que frequentaram a festa por muitas edições, sendo que uma das entrevistadas atuou ativamente na organização da primeira edição da Festa do Vermelhense Ausente, na década de 1950.

Uma das entrevistadas possuía uma apostila com uma série de documentos históricos acerca da memória de Vermelho Novo, organizada pelo padre José do Carmo Lima, sendo um material nunca publicado. Nessa apostila existiam fotos e textos de moradores antigos do município, constituindo uma matéria que foi essencial para a análise proposta neste artigo. Inclusive, a partir do acesso a esse material, a pesquisa se voltou a compreender o aspecto histórico do surgimento da tradição que fundamenta a existência da festividade em questão. Esperava-se, com essa pesquisa, resgatar imagens do passado do município para que sejam acessadas pela esfera pública de interação dos indivíduos enquanto seres políticos (Hobsbawn; Ranger, 1997).

Nesse sentido, em termos analíticos, essa pesquisa utilizou dois instrumentos metodológicos. O primeiro deles foi a análise documental, mediante o tratamento de informações que ainda não haviam sido exploradas cientificamente. Ao se utilizar esse tipo de método, organiza-se as informações coletadas e realiza-se sínteses dos documentos encontrados, cujo conteúdo pode ser explorado em conjunto com outras metodologias (Sá-Silva *et al*., 2009). O segundo instrumento analítico utilizado foi a Pesquisa Narrativa, que atua por meio da coleta e análise de narrativas e histórias sobre uma determinada temática ou fenômeno, compreendendo experiências de modo a criar e sintetizar uma narrativa explicativa sobre algo, sendo que a coleta das informações acontece de distintas formas (Paiva, 2008).

Esse tipo de metodologia tem muitas aplicações no campo da Administração (Rese *et al*., 2010), vislumbrando as narrativas como fontes de transmissão de conhecimento, sendo a ferramenta utilizada em pesquisas que se caracterizam por narrar uma determinada história ou que se voltam para recolher e organizar histórias de organizações (Czarniawska, 1997). Nessa lógica, a aplicação dessa metodologia no presente artigo se deu numa organização de narrativas acerca da Festa do Vermelhense Ausente e das alterações que essa festividade foi vivenciando ao longo do tempo, as quais

foram coletadas por meio das entrevistas e do material histórico referente à festa. Para isso, o conteúdo das informações coletadas, sejam entrevistas, notícias ou documentos históricos, foram organizadas de acordo com as temáticas abordadas nas conversas (Cabral *et al*., 2013).

ASPECTOS HISTÓRICOS DA FESTA DO VERMELHENSE AUSENTE

De acordo com uma apostila com arquivos históricos, encontrados e disponibilizados por uma entrevistada, apostila essa organizada pelo padre José do Carmo Lima, um padre nascido em Vermelho Novo em 1925, há duas versões acerca da escolha do nome Vermelho Novo para a localidade. A primeira delas refere-se a galhos vermelhos que caíam de árvores no ribeirão que corta a cidade, de modo a colorir as águas de vermelho. A segunda versão se refere à proximidade do distrito de Vermelho Velho, que se encontra a aproximadamente 15 quilômetros de Vermelho Novo. “Se existia o velho, o novo vem depois” (Manso, “s.d.”, “n.p.”).

Em sua história, o povo vermelhense era conhecido na região como um povo festeiro, havendo diversos tipos de festas, como: Cavalarias e Folias de Reis. Além disso, contava com festas religiosas, tais quais a festa do mês de Maria, festa do Divino, festa de São Sebastião e as fogueiras de São João. Entretanto, a partir de um certo momento, uma determinada festividade passou a ser a marca dessa localidade. Antes de falar sobre essa festividade, é necessário apresentar um ator histórico relevante, o Padre Manoel Moreira de Abreu. O Padre Manoel nasceu em 23 de agosto de 1904 em terras vermelhenses. Passou sua infância e adolescência em Vermelho Novo, onde concluiu o primário. Em 1922, quando estava com 18 anos, ingressou no Seminário Diocesano de Santo Antônio de Juiz de Fora, em que estudou até 1929. Após ser ordenado, Padre Manoel morou em Manhuaçu, Inhapim e Imbé de Minas. A partir de 1938, para que pudesse acompanhar seu pai na velhice, Padre Manoel foi designado para a Paróquia de Vermelho Novo, sendo recebido com festa pela população (Manso, “s.d.”, “n.p.”).

Logo que chegou à cidade, o padre buscou apaziguar rixas políticas e reduzir a desunião da população de Vermelho Novo. Não se trata aqui de um enfoque biográfico sobre o Padre Manoel, mas sim de suas realizações em Vermelho Novo. O Padre reformou o cemitério municipal, que havia sido construído em 1910, construiu o Instituto

Nossa Senhora das Graças (Casa das Irmãs), organizou mutirões para a construção de estradas que ligavam a localidade a Dom Corrêa e a Vermelho Velho, e criou a Festa do Vermelhense Ausente, em meados da década de 1950 (Manso, "s.d.", "n.p."). Em um texto sobre a vida de Padre Manoel, relata-se que com a Festa do Vermelhense Ausente, buscava-se reunir uma vez por ano, os filhos ausentes daquela terra, sendo esse um objetivo rapidamente atingido, de modo a tornar a festa conhecida na região. Na apostila consultada nesta pesquisa, estão presentes textos de Angelo Paoliello, um poeta e entusiasta da história de Vermelho Novo, onde ele narra aspectos sobre a atmosfera das primeiras festas:

> um acontecimento invulgar, de alto valor significativo, pelo sentimento de fraternidade e caloroso bairrismo demonstrado pelos saudosistas filhos de Vermelho Novo, verificou-se no período de primeiro a nove deste mês de agosto de 1956, naquela pacata vila, situada entre verdes e altaneiras montanhas da Zona da Mata, em Minas Gerais.
> Pela primeira vez em sua história, foi comemorada a "SEMANA DO VERMELHENSE AUSENTE", dedicada àqueles que vivem fora da terra que lhes serviu de berço e que outros rumos o destino lhes determinou.
> De longínquas paragens, dos mais distantes recantos do País, estiveram naquela localidade inúmeros vermelhenses que há muitos anos foram levados para luta da vida nesse imenso Brasil.
> Nessa concentração, irmanados com o mesmo objetivo, comungando com um só pensamento, de rever o Torrão Natal, seus parentes e amigos, realizou-se um feliz congraçamento, num clima sadio e gostoso relacionamento entre todos os vermelhenses, visitantes e moradores do distrito, sem distinção de nível social ou facção política. Visitantes e a população local formaram uma única família, festejando com muita alegria aquele inédito acontecimento que será perpetuado com a benção de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira de Vermelho Novo, onde a religião católica é a sua tradição inabalável; é a força que revigora a fraternidade do vermelhense (Manso, "s.d.", "n.p.").

Segundo uma das entrevistadas, que acompanhou a festa desde seu início, a população ausente tinha um papel significativo para que a festa se concretizasse, pois vinham participar e traziam produtos que eram doados e viabilizavam a realização da festa, desde alimentos, cobertores e outros. Acerca disso, Paoliello continua o texto exaltando os conterrâneos que auxiliaram na viabilização da festa:

> Representantes das mais diversas carreiras profissionais e posições econômicas contribuíram de maneira efetiva para a execução de uma boa programação festiva que viesse servir de marco comemorativo de um evento de significado na história de uma tradicional comunidade,

> como é a vermelhense. Felizmente isso foi feito com muito sucesso, como eu esperava, por conhecer profundamente o espírito fraternal de meus prezados conterrâneos (Manso, “s.d.”, “n.p.”).

Outro aspecto que merece destaque, é referente a um trecho em que Paoliello relata algumas formas de divulgação da festa, em 1956, como segue no seguinte trecho:

> Como havia remetido uma carta ao Dr. Paulo Roberto, então, Diretor do programa radiofônico: “À LIRA DE XOPOTÓ”, da Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, relatando todos os detalhes das festividades realizadas no início daquele mês e lhe enviando, também, uma partitura do dobrado “Professor Silveira”, composição do maestro Sebastião Aniceto Barbosa (Tão), foi transmitido logo no seu primeiro programa, integralmente tudo que lhe enviei, inclusive foi executado pela sua bandinha o citado dobrado, sendo até elogiado pela sua boa qualidade. Com muita deficiência, consegui gravar esse programa num disco (LP), cuja gravação ficou regular e que estou remetendo-o para a comissão constituída em Vermelho Novo, para ser guardado como lembrança da primeira festa do “VERMELHENSE AUSENTE”. Podemos considerar esse disco como relíquia, por registrar um acontecimento tão importante para a nossa terra. Acontecimento esse que, no momento, só se realiza numa cidade no Brasil, que é Cachoeiro de Itapemirim, no Estado do Espírito Santo, de onde eu trouxe essa magnífica ideia (Manso, “s.d.”, “n.p.”).

O dobrado, referido no trecho supracitado, trata-se de um gênero musical que era derivado de marchas militares. Sebastião Aniceto Barbosa é também o compositor do hino da cidade de Vermelho Novo. O programa citado, Lira de Xopotó, foi criado pelo radialista Paulo Roberto, da Rádio Nacional, em 1954 e deu origem a uma banda de mesmo nome. Esse programa, que teve considerável sucesso em sua época, era voltado a dar visibilidade e promoção a bandas de música de cidades do interior (Miranda, 2023).

Destaca-se que para as buscas da presente pesquisa, um dos entrevistados (Entrevistado 3) mencionou que a inspiração da Festa do Vermelhense Ausente era a festividade de Cachoeiro de Itapemirim, mencionando que achava que alguém de Vermelho Novo tinha relação com essa outra cidade. Por esse trecho, percebe-se que o próprio Angelo Paoliello sugeriu a ideia de criação da festa, representando também um ator histórico relevante nesse contexto.

Nas buscas da presente pesquisa foram encontrados textos de Angelo Paoliello referentes aos anos de 1956 e 1957. Em 1956, Paoliello estimou que houve a presença de aproximadamente 150 vermelhenses visitantes na festa. Já em texto assinado

em 28 de julho de 1957, Paoliello estimou que houve a presença de mais de 300 vermelhenses ausentes na edição da festa de 1957. Isso indica que a festa teve um aumento rápido em termos de alcance de público, o que indica que possivelmente houve aderência de moradores locais e da região participando da festa, bem como a presença de mais nativos ausentes que passaram a retornar para visitar a cidade nesse período de festividade. Na Figura 1, é apresentada uma fotografia referente à edição da festa, de 1957.

Figura 1 – Registro da Semana do Vermelhense Ausente em sua edição de julho de 1957.



Fonte: Acervo disponibilizado publicamente no Facebook.

Em 1956, a festa foi realizada no mês de agosto, e depois passou a ser realizada no mês de julho. “O mês de julho foi convencionado, que é um período de férias. Antigamente era um mês de férias, julho né, então a convenção foi essa” (Entrevistado 4, 2022). Desde então, a festa passou a ser realizada sempre no mês de julho, para facilitar a vinda de visitantes. “E por que nove dias de festa?! Normalmente quando a igreja faz uma festa sempre tem quermesse né, são novenas [...]. Então acredito que possa haver alguma relação né” (Entrevistado 3, 2022).

Acerca da edição da festa de 1957, o texto de Angelo Paoliello destaca os seguintes aspectos:

> Depois de uma semana de muita alegria e contentamento, o vermelhense visitante se despede agradecendo, de coração, a carinhosa hospitalidade oferecida pelos moradores de Vermelho Novo. Realmente foram dias de grande confraternização entre os filhos desse solo divinal que Deus colocou num cantinho das majestosas Minas Gerais.
> Pedimos ao nosso bom pai que nos proteja e que nos ofereça a oportunidade de estarmos novamente entre os nossos conterrâneos moradores dessa pacífica e gostosa vila, com muita energia e entusiasmo para comemorarmos a terceira festa do "Vermelhense Ausente", no próximo ano, a fim de darmos prosseguimento a esse maravilhoso acontecimento, para que se perpetue na história de Vermelho Novo.
> Desejamos que essa festa seja mais uma realização de tradição que venha comprovar a vigorosa fibra fraternal que existe no seio da generosa gente que nasceu sob as graças de Nossa Senhora da Conceição, nossa imaculada padroeira.
> Salve, salve Vermelho Novo! (Manso, "s.d.", "n.p.").

Como se percebe, desde seu início, pensou-se a Festa do Vermelhense Ausente como um evento a ser mantido tradicionalmente, havendo obras musicais e poéticas a exaltando, e possuindo ligação com dimensões religiosas. É por essas circunstâncias que poderia se tratar de uma forma de tradição inventada, com interesses de que fosse mantida e repetida ao longo dos anos, tendo como objetivo a possibilidade de encontro de vermelhenses que por algum motivo se ausentaram daquela terra (Hobsbawn; Ranger, 1997). Havia também motivações políticas, no sentido de criação de uma identidade local e um senso de comunidade que possibilitasse a transformação do pequeno distrito em um município. Em conversas informais, com uma antiga moradora de Vermelho Novo, foi relatado a importância de alguns padres para a realização dessas festas na cidade. Inicialmente o Padre Manoel e depois o Padre Silas, que deu continuidade as festividades e lutou ativamente pela emancipação do município. Outro entrevistado destaca os seguintes aspectos sobre a festa:

> Ela foi criada primordialmente com um fundo religioso. Criada pelo Padre Manoel, que era o pároco de então, e ele tinha sim a ideia de reunir as pessoas, de festejar, mas sempre com a missa diária, com reuniões, com palestras, enfim, com motivação religiosa sim, que se perdeu ao longo dos anos devido a evolução natural né, da população, da influência de terceiros. As coisas foram mudando principalmente

> depois da emancipação política, que era um sonho inclusive do Padre Manoel lá atrás, que já havia tentado emancipar e não conseguiu, em 1942 (Entrevistado 3, 2022).

Há alguns marcos em termos de alterações na organização do evento. Uma das entrevistadas elenca aspectos importantes acerca do papel religioso presente na festa e de acontecimentos que representaram mudanças no evento.

> Antes a festa era no salão paroquial, o padre se envolvia diretamente por que tinha muito vínculo religioso e era um baile bacana que tinha lá. Aí depois, quando o padre Manoel faleceu, em 77, a diocese assumiu e proibiu que a festa fosse lá (no salão paroquial). Aí começou a fazer na rua (Entrevistada 1, 2022).

Um outro marco em termos de alteração da organização é a, já relatada, emancipação política do município:

> Depois da emancipação política que aconteceu em 1995, existe uma influência muito forte da prefeitura, que abraçou a festa. Quando a prefeitura entra, o que acontece, naturalmente as pessoas que organizavam a festa acabaram se afastando, por que a prefeitura assumiu a frente da festa. Aí começou a colocar shows né, [...] algumas duplas muito conhecidas foram contratadas, cantores de renome (Entrevistado 3, 2022).

Com a emancipação do município e a prefeitura assumindo a organização do evento, a festa foi aumentando a sua proporção em termos de alcance de público, o que gerou alterações na programação e nas formas de festejar. Conforme destaca uma das entrevistadas:

> A nossa festa era uma coisa mais aconchegante né, não tinha essa dimensão de hoje, de palcos enormes, de grandes shows, grandes bandas aqui... A gente organizava o show, o som inicialmente na carroceria de um caminhão que a gente pegava emprestado e ali os locutores era a gente mesmo, que fazia a festa (Entrevistada 1, 2022).

Acerca disso, salienta-se que se trata do fenômeno descrito por Bezerra (2008), mediante o qual as festas das cidades brasileiras perpassaram por espetacularizações, de modo que se alterou as formas de festejar. Manifestações festivas foram apropriadas pelas prefeituras e empresas, se tornando eventos de grande porte, que

se orientam por valores instrumentais de geração de renda, se materializando em grandes espetáculos urbanos (Bezerra, 2008). A seguinte fala reforça alguns aspectos sobre isso, ao tratar sobre alterações na programação da festa:

> a gente tinha as brincadeiras com crianças, a gente fazia gincana de casal, gincana de equipe, cavalgada, tinha desfile da miss simpatia, da rainha das bonecas [...]. A noite sempre tinha um som, mas os artistas eram daqui de Vermelho Novo mesmo, mais músicas de raiz, só mesmo vermelhense ausente e daqui. Depois a festa foi tomando outra dimensão né, quando Vermelho Novo emancipou, [...] a prefeitura já assumiu a festa Vermelhense com outra proposta né, com arrecadação bem melhor, um apoio financeiro, aí começaram a contratar shows, palcos, numa outra proposta, mas assim, aos poucos foi tomando aquela coisa mais aconchegante que a gente tinha. Hoje a festa vem muita gente, principalmente no último sábado, que as vezes vem alguma banda de nome, mais marcante, e a cidade lota. Muitas barraquinhas que vem de fora, coisas que naquele tempo não tinha tanto, era bem mais aconchegante do que hoje (Entrevistada 1, 2022).

Uma questão teórica que pode ser resgatada acerca dessas falas é referente aos tipos de manifestação cultural que eram apresentadas na festa. Conforme as características elencadas por Chaui (2021), percebe-se que num primeiro momento, as apresentações artístico-culturais que ocorriam na festa tinham um caráter popular, na medida em que os próprios moradores organizavam, com artistas da região, nativos residentes ou ausentes de Vermelho Novo. Com o tempo, um tipo de manifestação cultural mais elitizada passou a vigorar nas programações da festa, na medida em que cantores de renome passaram a ser contratados e a festa foi aumentando seu alcance de público, não se restringindo a atrair apenas a população nativa de Vermelho Novo. Há assim uma distinção entre os artistas e os munícipes, apesar de sempre haver na programação alguns artistas regionais.

Acerca da longevidade da festa e de aspectos recentes, destaca-se que a festividade não ocorreu de forma presencial em 2020 e 2021, devido à pandemia do novo Coronavírus (SARS-CoV-2), havendo uma festividade remota transmitida no YouTube. Em 2022 a festa voltou a ser realizada presencialmente, numa forma diferente dos anos anteriores, com três dias de festa. Um dos entrevistados destaca que

> houve anos que a festa não aconteceu. Por exemplo, exatamente agora, em 2020 e 2021, a festa acabou não acontecendo em virtude da pandemia do coronavírus. Mas antes, há décadas atrás, houve anos em que a festa não aconteceu [...], ou aconteceu de forma mais precária,

> mais tímida e acabou não contando muito. Agora, acredito que [...] por haver interesse dos comerciantes de que a festa acontecesse, por que era uma época em que eles acabavam tendo um público grande na cidade né; as próprias famílias têm muita vontade de participar, por que as vezes o sujeito tá de férias, por exemplo em julho, e vem pra cá com a família. [...] Então tem diversas formas né, de participar da festa Vermelhense (Entrevistado 3, 2022).

Percebe-se que além de um evento significativo em termos de manutenção de tradições e da identidade dos vermelhenses, a festa é também um relevante promotor econômico para o município. Conforme destaca Souza (2010), a festa possui potencial para transformar a cidade em um local de consumo. Trata-se da transformação da festividade em uma forma de mercadoria, na qual as tradições e a história dos lugares passam por uma configuração de industrialização, que gera vantagens para o município em termos de comparação com outras localidades, num cenário de mercado globalizado (Serpa, 2007).

DISCUSSÃO ACERCA DOS ASPECTOS IDENTITÁRIOS CELEBRADOS NA FESTA

O presente texto se orienta por uma perspectiva conceitual de identidade que a entende como algo construído e continuamente negociado em contextos sociais e culturais específicos (Hall, 2006). Em termos identitários, em seu início a Festa do Vermelhense Ausente poderia ser caracterizada como uma festa sacro-profana, na medida em que se baseava em aspectos religiosos, mas que envolvia festejos profanos na elaboração da festa. Entretanto, com o passar dos anos, a festa passou a apresentar características que a aproximavam mais de um Festival, pelo seu distanciamento da dimensão religiosa e pelas atrações presentes em sua programação (Amaral, 2008). Conforme destaca um dos entrevistados acerca do aspecto religioso da festa:

> [...] Foi se perdendo realmente esse aspecto com o passar dos anos. Essa secularização da festa acabou acontecendo mesmo. Não sei se a gente pode dizer que seja bom nem mau, é uma tendência natural da mudança dos eventos (Entrevistado 3, 2022).

Conforme indica a presente construção narrativa, desde seu início, a Festa do Vermelhense Ausente era voltada a celebrar a população nativa que se ausentou do pequeno município, indo residir em diversos outros locais. Nos 9 dias festivos, muitas pessoas voltam para Vermelho Novo, para celebrar elementos da cultura vermelhense, encontrar conterrâneos e parentes, retomando aspectos nostálgicos de suas identidades. Acerca da programação da festa, trechos relatados por Paoliello, em 1956, merecem destaque:

> Três objetos considerados troféus foram entregues aos seguintes vermelhenses visitantes: a coroa com a Senhora Iracema de Carvalho Coelho (Nenega), a bandeira com o Sr. José Pinto Neto (Zé Régina) e a chave com Dimas Pinto. Todos assumiram o compromisso de trazê-los de volta na próxima festa, em 1957, cuja data, para iniciar, ficou fixada para o primeiro Domingo da segunda quinzena de Julho. Essa data ficou estabelecida, como definitiva, para o aproveitamento das férias escolares (Manso, "s.d.", "n.p.").

Alguns traços tradicionais são mantidos desde as primeiras edições da festa, como a escolha de reis e rainhas. Pelos textos históricos de Paoliello, pode-se interpretar que uma das funções dos reis e rainhas seria atrair mais vermelhenses ausentes para a festa. Na presente pesquisa, alguns entrevistados eram/foram reis e rainhas da festa, e era perceptível a valorização que davam a essa função. "Quando eu peguei o reinado foi uma coisa muito marcante. Por gostar muito da festa e ter recebido o convite, acho que eu nunca vou esquecer" (Entrevistada 2, 2022). Ao longo da pesquisa, eventualmente as conversas se voltavam a esclarecer um pouco mais sobre as questões do reinado.

> Eu tive o prazer de ser rainha por duas festas Vermelhense. [...] A gente organizava, colocava no programa o que a gente queria, na semana toda [...]. Era escolhido assim, de um ia passando para o outro: então eu era rainha e já escolhia a rainha para a próxima festa. [...] A gente tem a capa, a coroa, a faixa, então era uma presença nobre na festa Vermelhense e continua sendo. Hoje não cabe tanto ao rei e a rainha por que a prefeitura assumiu essa organização toda (Entrevistada 1, 2022).

Acerca desse papel simbólico que o Rei e a Rainha passaram a ter após a emancipação da cidade, em determinados trechos da entrevista com a Rainha recente do evento, percebe-se que há um forte interesse em resgatar elementos que foram se

perdendo e gerar alterações na dinâmica da festa, no sentido de consultar a população para perceber os elementos que eles gostariam de recuperar.

A festa possui uma aura diferente para aqueles que são dessa terra, conforme destaca uma entrevistada não residente em Vermelho Novo:

> Já morei fora, fui pra fora do Brasil e fui em muito festival. O que eu sinto quando tô aqui na festa eu não vejo em lugar nenhum. Acho que é mais essa conexão mesmo, assim, de rever pessoas, de encontrar amigos. Você sente assim: tô numa festa, mas é como se fosse uma festa de família [...]. Pra mim, eu me sinto o tempo inteiro reconectando (Entrevistada 2, 2022).

Esse excerto pode ser relacionado com os aspectos tratados por Weil (2001), acerca do enraizamento. Ao retornar para participar da festa, os vermelhenses ausentes vivenciam momentos de reencontro, que não se restringem a parentes e amigos, mas também a suas raízes (Marques; Brandão, 2015). A festa permite que raízes perdidas sejam retomadas, bem como permite a construção de novas raízes (Weil, 2001), conforme destaca outra entrevistada:

> O interessante é que, por exemplo, os meninos que foram embora [...], filhos de outros da minha época, eles não perderam o vínculo. Geralmente as crianças e os jovens (que se mudam) vão crescendo e já nem voltam na cidade, na terra natal, as vezes vão perdendo o vínculo né. Aqui não, eles mantêm, e vai passando um grupo e já vai chegando outro (Entrevistada 1, 2022).

Esses aspectos são elucidativos acerca de como essa festividade vem se mantendo, de forma assídua, por esse longo período de existência. Na medida em que os vermelhenses ausentes retornam para participar da festa, passam essa tradição para seus filhos e demais membros da família, que a mantém. A festa se constitui como um espaço de encontro, que cria diversos tipos de conexão entre as pessoas:

> O que faz manter viva a festa são as memórias né, as pessoas participaram, muitos se conheceram, namoraram, casaram. Gente que morava em outros estados e veio, conheceu pessoas daqui e se casaram com pessoas daqui ou já morando fora daqui [...]. Enfim, eu acho que a grande força da festa Vermelhense são as pessoas (Entrevistado 3, 2021).

Alguns aspectos identitários que são celebrados na festa, ficam mais nítidos na diversidade da programação do evento. Nos nove dias de festa ocorrem shows musicais em todas as noites e há atrações que variam, a depender do ano, compreendendo distintas dimensões de lazer: campeonato de futebol (com times amadores da região), cavalgada, gincana, motocross ou reunião de motociclistas para passeio em trilha, encontro de som, apresentações escolares, gincanas e atividades com as crianças, encontro e show de dança da terceira idade, corrida de moto tartaruga (competição lenta de moto em que quem ganha é quem chega por último), dentre outras atrações. Além disso, é um período importante para o comércio local, pelo aumento do consumo pela vinda de visitantes, e nos períodos anteriores a pandemia do Coronavírus (COVID-19) era comum a vinda de comerciantes de diversas localidades que montavam barracas no espaço onde ocorre a festa e na praça da cidade.

O caráter fraternal, a receptividade e a hospitalidade são elencadas como algumas das principais forças da Festa Vermelhense, sendo que os aspectos identitários são reforçados e se manifestam pelos distintos tipos de encontros que a festa possibilita. “Pra gente que é daqui, dia que tem show famoso que enche muito nem é tão bom, por que a gente quase que não encontra. O mais gostoso é esse negócio de você ficar o tempo inteiro encontrando gente que cê não vê a muito tempo” (Entrevistada 2, 2022). E assim, apesar das diversas alterações que a festa perpassou ao longo do tempo, continua sendo uma manifestação aguardada pela população e celebrada como marca da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou analisar a Festa do Vermelhense Ausente em termos históricos, culturais e identitários. Para alcançar esse objetivo, realizou-se uma pesquisa estritamente qualitativa, em que se coletou informações e narrativas de atores ligados a festa, nativos residentes ou ausentes de Vermelho Novo. Além disso, foram analisados documentos históricos e notícias sobre a festa. Através das narrativas, relatou-se aspectos históricos acerca do surgimento da festa, atores relevantes, bem como as alterações que ocorreram com esta festividade ao longo do tempo.

Assim como outras festas brasileiras, a Festa do Vermelhense Ausente perpassou por um processo de espetacularização, voltando sua programação para atrair

um público maior para o município durante o período festivo. Nesse sentido, a festa foi abandonando o seu caráter religioso e de organização popular, trazendo artistas de renome e contando com grande número de visitantes, que não se restringe ao grupo de nativos vermelhenses ausentes.

A festa apresenta singularidades que a distinguem de outras festividades, como o fato de serem nove dias consecutivos de festa e algumas especificidades que aparecem na sua programação. Além disso, são muitos anos de existência e provavelmente se trata da festividade mais antiga voltada a atrair nativos ausentes para celebrações no município. Com isso, a festa se destaca por ser uma tradição que permite que laços e raízes sejam resgatados, bem como novos enraizamentos e conexões sejam criados. Se tratando de um município de pequeno porte, a população local valoriza e fica sempre aguardando pela festividade, sendo esse um período marcante para o público que tem ligação com esta terra.

As contribuições desse artigo se referem ao levantamento histórico da festa pela perspectiva dos próprios vermelhenses, permitindo que outros interessados possam conhecer mais sobre a festa, bem como sobre as alterações que ocorreram com os modos de festejar. Além disso, considerando as informações apresentadas, os resultados dessa pesquisa podem servir como base para que ações voltadas ao resgate de tradições e da memória de Vermelho Novo possam ser realizadas, considerando que os registros históricos sobre o município não estão organizados em um lócus e podem ir se diluindo com o tempo.

Acerca das limitações desse estudo, destaca-se que se pautou em organizar a narrativa histórica de um modo a descrever, a partir de algumas percepções, a forma como era a festa e as alterações que foram ocorrendo, mas sem considerar uma amplitude de perspectivas de atores, concentrando-se mais em moradores ou ausentes que possuíam alguma relação com a festa. Para estudos futuros, sugere-se que mais atores sejam consultados, em dimensões públicas e privadas que atuem na organização e viabilização dessa festividade. Além disso, sugere-se estudos que analisem outras festas voltadas a atrair o público ausente, de modo a ilustrar as peculiaridades deste tipo de festa em outros municípios ou estados.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. Fragmentos do discurso cultural: por uma análise crítica do discurso sobre a cultura no Brasil. *In*: NUSSBAUMER, Gisele Marchiori (Ed.). **Teorias & políticas da cultura:** visões multidisciplinares. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 13-24.

AMARAL, António. Enraizamento e desenraizamento em Simone Weil: o trabalho como mediação incarnada entre Deus e Mundo. *In:* AMARAL, António (Ed.). **CULTUM. Excursos de Hermenêutica, Política e Religião**. Covilhã: Editora LabCom.IFP, 2018. p. 161-168.

AMARAL, Rita. As festas da cidade - revivendo e inventando identidades culturais. O exemplo do povo-de-santo. **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, v. 40, n. 172, p. 131-160, 2000a.

AMARAL, Rita. As mediações culturais da festa "à brasileira". **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, v. 40, n. 1/2, p. 107-129, 2000b.

AMARAL, Rita. Festas, Festivais, festividades: algumas notas para a discussão de métodos e técnicas de pesquisa sobre festejar no Brasil. *In*: COLÓQUIO FESTAS E SOCIABILIDADE, 2., Natal. **Anais** [...], Natal: UFRN, 2008.

BAEZ, Gustavo Cesar Ojeda; SAMPAIO, Dilaine Soares. Territórios "sagrados" da pesca artesanal em João Pessoa: identidades e sacralização de espaços públicos na Festa de São Pedro Pescador. **REVER - Revista de Estudos da Religião**, v. 19, n. 3, p. 219-234, set./dez. 2020.

BEZERRA, Amáli Cristina Alves. Festa e Cidade: entrelaçamentos e proximidades. **Espaço e Cultura**, v. 0, n. 23, p. 7-18, jan./jun. 2008.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: Ensaios de Psicologia Social. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CABRAL, Sandro; KRANE, Dale; DANTAS, Fagner. A dança dos blocos, empresários, políticos e técnicos: condicionantes da dinâmica de colaboração Interorganizacional do carnaval de Salvador. **Organizações & Sociedade**, v. 20, n. 64, p. 145-163, mar. 2013.

CANEDO, Daniele Pereira. **Cultura, Democracia e Participação Social**: um estudo II da Conferência Estadual de Cultura da Bahia. 2008. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

CHAUI, Marilena. **Cidadania cultural***:* o direito à cultura. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021.

CORÁ, Maria Amélia Jundurian; SOARES, Raquel Ventura; FILARDI, Anabel. Redes Organizacionais e Identidade na Construção de uma Cultura da Festa Empreendedora: O Caso da Pilantragi. **Pensamento & Realidade**, v. 34, n. 1, p. 68-93, jan./mar. 2019.

COSTA, Carmem Lúcia. Festa e Cidade: Contribuições para o entendimento das espacialidades contemporâneas. **Espaço em Revista**, v. 14, n. 2, p. 59-80, jul./dez. 2012.

CZARNIAWSKA, Barbara. **A narrative approach to organization studies**. Londres: Sage, 1997.

DANTAS, Maria de Fátima Medeiros. **Romaria, Festa e Turismo**: Relações entre nativos e romeiros na festa de Nossa Senhora das Vitórias em Carnaúba dos Dantas (Rio Grande do Norte). 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

DAVEL, Eduardo; DANTAS, Marcelo. Festas Populares na Bahia: Gestão e Dinâmica Identitária. **PragMATIZES**, v. 9, n. 17, p. 203, abr./set. 2020.

GNJATOVIĆ, Milena; GNJATOVIĆ, Ana. Festivals as carriers of Culture in Servia - Problems and Limitations. **Megatrend Review**, v. 9, n. 1, p. 161-172, 2012.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A Invenção das tradições**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades e Estados: Vermelho Novo**. 2021. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/vermelho-novo.html. Acesso em: 03 jan. 2023.

LEFEBVRE, Henri. **The Production of Space**. Oxford: Blackwell Publishing, 1991.

MANSO, Faride dos Reis Oliveira. **Vermelho Novo, doce terra onde eu nasci.** Documento não Publicado, sem data. Acervo Particular de Faride dos Reis Oliveira Manso.

MARQUES, Luana Moreira; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. As festas populares como objeto de estudo: contribuições geográficas a partir de uma análise escalar. **Ateliê Geográfico**, v. 9, n. 3, p. 7-26, dez. 2015.

MATTOS, Pedro Lincoln Carneiro Leão de. A entrevista não-estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para sua análise. **Revista de Administração Pública**, v. 39, n. 4, p. 823-848, jul./ago. 2005.

MIRANDA, Paulo. **Se lembra da Lira de Xopotó...?** Recanto das Letras, publicado em 17 de novembro de 2023. Disponível em: < https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-musica/7934198>. Acesso em: 26 mar. 2024.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 8, n. 2, p. 261-266, 2008.

PAZ, Elisete de Souza Ramão; GEVEHR, Daniel Luciano; JUNG, Carlos Fernando. Identidade e representações sociais na construção da imagem da cidade: uma análise conceitual. **Resgate - Revista Interdisciplinar de Cultura**, v. 29, p. 1-31, 2021.

RESE, Natália; MONTENEGRO, Ludmilla Meyer; BULGAVOV, Sergio; BULGACOV, Yára Lúcia Mazziotti. A análise de narrativas como metodologia possível para os estudos organizacionais sob a perspectiva da estratégia como prática: "uma estória baseada em fatos reais". *In*: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ANPAD, 6., 2010, Florianópolis. **Anais** [...] Florianópolis: ANPAD, 2010.

RICHARDS, Greg. From place branding to placemaking: the role of events. **International Journal of Event and Festival Management**, v. 8, n. 1, p. 8-23, 2017.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-15, jul. 2009.

SERPA, Angelo. Cultura De Massa Versus Cultura Popular Na Cidade Do Espetáculo E Da "Retradicionalização". **Espaço e Cultura**, v. 0, n. 22, p. 79-96, jan./dez. 2007.

SOUZA, Marcos Felipe Sudre. **A Festa e a Cidade:** Experiência coletiva, poder e excedente no espaço urbano. 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

TRIGUEIRO, Osvaldo. A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmidiáticos. *In:* CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE, 11., 2004, Goiânia. **Anais** [...] Goiânia: Kelps, 2004.

VICH, Victor. O que é um Gestor Cultural? *In*: CALABRE, Lia; LIMA, Deborah Rebello (Eds.). **Políticas Culturais:** conjunturas e territorialidades. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. p. 49-54.

WEIL, Simone. **O Enraizamento**. Bauru: EDUSC, 2001.

XAVIER, Wescley Silva; BALDEZ, Maria Aparecida Neves Azevedo. Lei Municipal de Incentivo à Cultura: Quais os Efeitos Inclusivos e Democráticos na Produção Cultural Local? **Organizações & Sociedade**, v. 28, n. 97, p. 294–316, 2021.

Recebido em outubro de 2023.

Revisão realizada em março de 2024.

Aceito para publicação em maio de 2024.